

# ENTENDENDO PARA INCLUIR: AUTISMO NA ESCOLA E SOCIEDADE

Mariéle de Oliveira Vieira<sup>1</sup>

Renato Rodrigues<sup>2</sup>

## RESUMO

O autismo é uma condição que afeta a vida de milhares de pessoas ao redor do mundo, porém ainda é pouco conhecido pela sociedade em geral, mesmo sendo um assunto muito discutido nos últimos anos, muitas pessoas ainda estão alheias a esse tema, que atualmente se faz presente na nossa sociedade, então precisamos entender melhor sobre esse assunto tão importante e assim incluir, compreender e não excluir da sociedade como acontecia a alguns anos atrás, quando o transtorno do espectro autista tinha outros diagnósticos. Hoje sabemos que é uma disfunção no desenvolvimento global, e é através da escola onde se busca a socialização e a comunicação, e por isso se faz necessário que a comunidade escolar esteja preparada e seja apta para receber e incluir, para que a sociedade se torne futuramente uma sociedade acolhedora, justa e igualitária, livre de qualquer discriminação.

Palavras-chaves: autismo, incluir, comunidade, escolar.

## ABSTRACT

Autism is a condition that affects the lives of thousands of people around the world, but it is still little known by society in general, even though it is a subject that has been much discussed in recent years, many people are still unaware of this topic, which is currently present in our society, so we need to better understand this very important subject and thus include, to understand and not exclude from society as happened a few years ago, when autistic aspect

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FACVEST-UNIFACVEST, orientanda da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (2023.2) [gabriele.farias.aluno@unifacvest.edu.br](mailto:gabriele.farias.aluno@unifacvest.edu.br) .

<sup>2</sup> Professor da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (2023.2), do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FACVEST-UNIFACVEST e orientador do artigo. Coordenador do Curso de Pedagogia (UNIFACVEST). Pedagogo (FEDAVI/UNIDAVI), Psicopedagogo/Especialização (UNIDAVI), Tutoria em Educação a Distância/Especialização (UNIFACVEST), Mestre em Sociologia Política (UFSC), Mestre em Direito (Universidade Veiga de Almeida – UVA), Doutor em Direito (Universidade Veiga de Almeida – UVA), Editor da Revista Synthesis UNIFACVEST, Avaliador MEC/INEP, **Professor** e **Pró-Reitor** do Centro Universitário Facvest – UNIFACVEST [prpe@unifacvest.edu.br](mailto:prpe@unifacvest.edu.br) .

disorder had other diagnoses. Today we know that it is a dysfunction in global development, and it is through the school that socialization and communication are sought, and that is why it is necessary that the school community is prepared and able to receive and include, so that society becomes a welcoming, fair and egalitarian society in the future, free of any discrimination.

Keywords: autism, include, community, school.

## **1 INTRODUÇÃO**

O artigo procura entender o Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola e a sua importância na sociedade com o objetivo da inclusão. Conhecer o transtorno do espectro autista, suas diferenças, suas particularidades através de pesquisas bibliográficas.

A importância de compreender e lidar com o TEA em nosso cotidiano para que seja de forma correta e respeitosa. Entender que o TEA é uma condição neurológica que afeta a maneira como uma pessoa se comunica, interage e percebe o mundo ao seu redor, e que é um tema de grande importância e impacto na sociedade atual, pois o número de diagnósticos de autismo tem crescido e nos últimos anos, “é possível afirmarmos que essa não é mais uma síndrome desconhecida, embora muitas dúvidas ainda perpetuem. O desafio atual situa-se no uso desses conhecimentos para uma melhoria na qualidade de vida das pessoas com autismo.” (SCHMIDT, 2013, p 22)

Nesse contexto, a escola e a sociedade desempenham papéis fundamentais no processo de inclusão e no desenvolvimento de indivíduos autistas, já que a escola muitas vezes é o primeiro ambiente de socialização, preparando para futuramente inserir na sociedade em geral. Compreender o autismo é uma forma de inclusão, e já que a educação é para todos, sem distinções, é fundamental a participação no ambiente escolar e esse acaba sendo um grande desafio para inclusão da criança autista, pois os mesmos apresentam características que podem comprometer suas relações com as outras pessoas, e até a sua linguagem, e então se dá a importância de compreender para poder inserir esses alunos, de maneira que a escola e a sociedade possam inclui-los.

A escola desde poucos anos de vida tende a participar da vida do autista, mas é a sociedade quem fará parte de toda a trajetória de vida do autista, e então a urgência de todas as

peças como sociedade saber e aprender sobre o autismo, sem preconceito, pois como mostram estudos cada dia mais o autismo estará presente em nosso dia-a-dia.

## **2 AUTISMO NA ESCOLA E SOCIEDADE**

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), também conhecido apenas como autismo, é um transtorno que acomete milhares de pessoas em todo o mundo, atualmente temos mais informações desse transtorno por conta de várias pesquisas e estudos, muito se tem falado sobre o autismo nos últimos anos, mas há evidências de pessoas com características autistas na história antiga, mas ele só foi identificado somente no século XX.

Há descrições de pessoas com características autistas na história, há relatos sugerindo a presença de pessoas com comportamentos autistas que foram encontrados em textos religiosos, literatura e em documentos.

No século XVIII, foram feitas algumas observações que poderiam estar relacionadas ao autismo, o médico francês Philippe Pinel, no final do século XVIII, descreveu pacientes que apresentavam isolamento social e comportamentos repetitivos, que poderiam ter sido casos precoces de autismo.

As referências bibliográficas tanto no campo da psiquiatria, quanto da psicanálise, são divergentes, lidam com o autismo de forma distinta, a expressão “autismo” foi usada pela primeira vez em 1911 por Eugéne Bleuler (1857-1939) que era um psiquiatra alemão, que designou a perda de contato com a realidade que dificultava ou impossibilitava a comunicação.

Na década de 1940, dois psiquiatras, Leo Kanner, nos Estados Unidos, e Hans Asperger, na Áustria, realizaram pesquisas independentes e descreveram casos de crianças com características autistas. Kanner usou o termo "autismo na primeira infância" para descrever essa condição.

O Autismo foi definido por Kanner em 1943, inicialmente denominado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, como uma condição com características comportamentais bastante específicas, como: perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para se comunicar, presença potencial cognitiva, aspecto físico normal aparentemente, comportamentos ritualísticos, início precoce e a incidência predominante no sexo masculino.

Já em 1944, Asperger propôs na sua pesquisa a definição de um distúrbio que ele denominou Psicopatia Autística, manifestada por transtorno severo na interação social, uso

pedante da fala, desajeitamento motor e incidência apenas no sexo masculino, ele usou a descrição de alguns casos clínicos, caracterizando a história familiar, aspectos físicos e comportamentais, desempenho nos testes de inteligência, e enfatizou sua preocupação com a abordagem educacional destes indivíduos.

Durante os anos 50 e 60 do mesmo século, ocorreu o desenvolvimento da teoria do espectro, e durante esse tempo, começou a ser entendido que o autismo abrangia uma ampla gama de sintomas e graus de gravidade. A noção de "espectro do autismo" foi desenvolvida para descrever a variabilidade nas manifestações da condição.

Em 1980 na terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III), publicada em 1980, o autismo foi incluído como categoria diagnóstica e isso forneceu critérios mais precisos para o diagnóstico e classificação dos transtornos do espectro do autismo.

Na década de 90 ocorreu pesquisa genética e avanços no diagnóstico, foi durante essa década que avanços significativos foram feitos na pesquisa genética, o que ajudou a identificar certos genes relacionados ao autismo. Ferramentas diagnósticas mais sofisticadas também foram desenvolvidas, como o Autism Diagnostic Observation Schedule (ADOS) e o Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R).

Mas somente no século XXI, que a conscientização pública sobre o autismo aumentou consideravelmente. Organizações de autismo foram criadas e campanhas de conscientização foram realizadas para promover a compreensão e aceitação de pessoas com TEA, e nas últimas décadas, tem havido um foco crescente na inclusão de pessoas com autismo na sociedade e na promoção de seus direitos, leis e regulamentos foram promulgados para garantir a igualdade de oportunidades e acessibilidade.

O TEA é um transtorno de desenvolvimento neurológico e que se apresenta de diferentes maneiras, esse distúrbio do neurodesenvolvimento é caracterizado por prejuízos sociocomunicativos e comportamentos/ interesses atípicos.

Segundo Klin (2006, v28, Ssupl. I, pp. 3-11) referem-se:

[...]a um grupo de distúrbios de socialização com início precoce, geralmente antes dos três anos, e curso crônico. Mas pode ser detectado antes dos 36 meses, acometendo homens em proporção 4 vezes superior às mulheres.

De uma maneira geral, ele afeta a linguagem, comunicação, interação social e o comportamento social. Os indivíduos dentro do espectro tendem a apresentar padrões

de comportamento, interesses fixos, hiper foco, hipofoco ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais, entre outros.

Os primeiros sinais de autismo podem ser percebidos nos primeiros meses de vida, mas o diagnóstico pode ser estabelecido por volta dos dois a três anos de idade, com os estudos na área, cada vez mais cedo está se dando os diagnósticos. Os autistas tendem a manter pouco contato visual ao conversar, apresentam dificuldade de interagir e se interessar excessivamente por temas específicos.

As causas do autismo não são conhecidas, mas as pesquisas na área estão cada vez mais intensas. Sabemos que a genética é considerada um dos fatores primários do autismo, porém os agentes externos desempenham um papel-chave nas causas do transtorno. Estudos mostram que a herança genética é responsável por 80% dos casos.

Vários casos do espectro autista estão ligados a outras síndromes e assim criando uma relação de condições, síndromes essas como: esclerose tuberosa, síndrome do X-frágil, síndrome de Down, síndrome de Rett, síndrome de Angelman, XYY, tetrassomia parcial do 15, hipomelanose de Ito, síndrome de Williams, associação Charge, síndrome de Smith Magenis, síndrome de Smith Lemli Optiz, deleção do braço curto do cromossomo 22 (CATCH 22), síndrome alcoólica fetal, retinopatia da prematuridade, embriopatia por talidomida, embriopatia por valproato, síndrome de Moebius, infecção por herpes e rubéola.

Segundo Garcias (2013, p.75) é importante salientar que:

[...]parentes em primeiro grau, tendem a apresentar um risco maior de apresentar morbidades psiquiátricas, tais como: fobia social, depressão, fenômenos obsessivocompulssivos e o fenótipo autista amplo. Também podem apresentar retardo mental, dislexia e alteração específica da linguagem.

Muitos estudos estão sendo realizados a respeito do autismo, porém ainda não se tem uma causa concreta, e existem também outros fatores como os exógenos, esses podem ser atribuídos a complicações durante a gravidez, infecções, desequilíbrio metabólico e exposição a substâncias tóxicas.

Muito se discutiu sobre a relação dos imunizantes com o desenvolvimento do TEA, mas recentes estudos apontaram que as vacinas não possuem qualquer relação com o autismo.

Alguns outros dos fatores de risco considerados são:

Gênero: os meninos tem de quatro a cinco vezes mais propensão a desenvolver autismo do que meninas

Genética: famílias que possuem histórico de TEA tem riscos maiores de novos casos.

Condições de saúde: crianças com alguns problemas de saúde específicos, como a epilepsia e esclerose tuberosa, tendem a ter mais riscos de desenvolver autismo.

Idade dos pais: alguns estudos apontam que quanto mais avançada a idade dos pais, mais chances a criança têm de desenvolver autismo até os três anos

Existem diferenças entre o autismo e seus graus. O Autismo clássico é de maneira geral, pessoas voltadas para si mesmas, que não estabelecem contato visual, não se comunicam tradicionalmente por meio da fala e possuem dificuldade de compreender de metáforas e enunciados simples. O grau de comprometimento pode variar de caso para caso, podendo inclusive apresentar deficiência mental importante

A Síndrome de Asperger: apresentam as mesmas dificuldades de comunicação e interação, mas em um nível menor. Muitas vezes, são muito inteligentes, podendo ser considerados gênios nas áreas que dominam, já o distúrbio global do desenvolvimento sem outra especificação, é quando inclui o paciente dentro do espectro autista por possuir dificuldade de comunicação e interação social, mas os sintomas não são suficientes para o diagnóstico de TEA.

Além dos diferentes tipos, existem graus que se diferem entre si.

Autismo grau 1: autismo leve, os pacientes com autismo grau 1 possuem maior independência e desempenham facilmente as tarefas no dia a dia. Possuem pouco interesse ou dificuldade em iniciar ou manter interações sociais, problemas em se expressar, comportamentos monótonos e restritos, dificuldade em trocar de atividade, problemas para organização e planejamento.

Autismo grau 2: é considerado o autismo moderado, já que os sintomas tendem a ser percebidos com maior facilidade nesse grau e os pacientes precisam de suporte moderado para desempenhar atividades, os pacientes possuem maior dificuldade de socialização, podem ou não se comunicar de forma verbal, não realizam contato visual, possuem comportamentos monótonos em maior complexidade e seguem uma rotina.

Autismo grau 3: é considerado autismo severo, o paciente geralmente possui pouca autonomia, necessita de apoio contínuo para nas atividades do dia-a-dia, apresentam graves déficits de comunicação e de interação social. Em alguns casos, não se comunicam verbalmente e necessitam de suporte de terceiros.

Apresentam extrema dificuldade em lidar com mudanças, possuem comportamentos repetitivos, extrema fixação em interesses restritos e dificuldade em mudar de foco ou ações. Geralmente tem condições associadas ao Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

Autismo regressivo: algumas crianças com autismo podem crescer sem apresentar nenhum sintoma, e com o passar da idade, perdem as habilidades linguísticas ou sociais. Os sintomas de autismo variam de acordo com cada nível.

O diagnóstico de autismo geralmente ocorre antes dos três anos de idade, já que os sinais do TEA costumam aparecer desde bem pequenos.

Para o diagnóstico, se utiliza o Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais, da Associação Americana de Psiquiatria, que define como autista o paciente que apresentar pelo menos seis dos sintomas clássicos da condição.

Sabe-se que o autismo não tem cura, mas um programa de tratamento apropriado para as necessidades do paciente, proporciona mais perspectiva aos autistas. Os tratamentos são focados em reduzir os impactos dos sintomas do autismo e também estimular as habilidades sociais, comunicativas, de desenvolvimento e de aprendizado. Para o tratamento são indicados, medicações (as medicações são prescritas com o objetivo de tratar possíveis condições que os autistas podem apresentar, como agressividade, ansiedade, problemas de atenção, compulsões extremas, hiperatividade, impulsividade, irritabilidade, alterações de humor e dificuldade para dormir.), terapias de comunicação, fonoaudiologia, terapia ocupacional, acompanhamento nutricional, fisioterapia

O autismo não tem cura, porém existe uma série de métodos de habilitação de aprendizagem e desenvolvimento para que os autistas tenham uma boa qualidade de vida.

Nas últimas décadas as pesquisas em neurociência têm se desenvolvido com agilidade e eficiência, várias áreas se beneficiaram, mas para a educação essas descobertas foram mais significativas, pois auxiliou na compreensão do processo de ensino e aprendizagem usando a neurociência como mais uma ferramenta. Esses assuntos são importantes para entender o autismo e também auxiliar na inclusão escolar. Indivíduos com TEA apresentam uma importante alteração na função executiva, a flexibilidade. Essa função está muito alterada nesses pacientes e quanto mais grave o quadro, mais grave a flexibilidade. Com o desenvolvimento e na presença de ambientes favoráveis, alguns pacientes se tornam mais flexíveis. Sendo assim a inclusão escolar é a melhor e mais adequada forma para mudar os ambientes sociais dessas crianças.

Segundo pesquisas, aproximadamente 1% da população mundial pode ter autismo. Além disso, estima-se que, em todo o mundo, 1 a em cada 160 crianças convivem com o diagnóstico de TEA

E essas crianças são inseridas nas escolas, onde desde muito pequenas se inicia sua socialização, é por isso que se faz necessário a preparação do corpo docente para receber essas crianças, dando todo suporte, acolhimento e tratamento, independente do grau, todas as crianças tem por direito assegurado por lei que o tratamento deve ser estabelecido de modo acolhedor e humanizado, considerando o estado emocional da pessoa com autismo.

Na sequência o artigo 3º define como direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

- IV - o acesso: a) à educação e ao ensino profissionalizante;
- b) à moradia, inclusive à residência protegida;
- c) ao mercado de trabalho;
- d) à previdência social e à assistência social.

Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.

A educação infantil é ofertada de 0-5 anos, dividida em creche dos 0-3 anos (facultativa) e a pré-escola dos 4-5 anos (obrigatória), nas creches entendemos o cuidar e o educar de forma indissociável no processo educativo.

Muitas crianças passam a maior parte do tempo inicialmente nas creches convivendo com os seus colegas e professores, e além da família. É o professor que tem um grande papel na rotina dessa criança, pois é ele quem tem a oportunidade de observar o desenvolvimento dos bebês, crianças bem pequenas, e com isso a função de auxiliar as famílias, através do seu relatório. Geralmente as crianças com TEA tem o seu desenvolvimento normal até aproximadamente 18-24 meses de vida, por isso a importância no acompanhamento de seu desenvolvimento e da interação família e escola. Muito se usa os três anos de idade para o diagnóstico, podendo ser feito muito antes dessa idade para um melhor tratamento, apesar da dificuldade em se ter um diagnóstico precoce. Aos três anos, geralmente as crianças já estão inseridas no ambiente escolar, e é nesse ambiente onde se observam algumas dificuldades, principalmente na interação social.

Os indivíduos com TEA apresentam alterações na estrutura e no funcionamento do cérebro, bem como déficit significativo em habilidades sociocognitivas, prejuízo no reconhecimento, entendimento e compartilhamento de suas emoções com os outros. (SCHMIDT,2013,p 132).

Assim podemos pensar que o autismo é um transtorno de cognição social, isso se dá por conta da dificuldade de compreender seu próprio estado mental e o dos outros.

Segundo Carvalho (2009, p.111) A educação é a base de toda construção social, intelectual, de interação e crescimento individual, se a criança for estimulada a descobrir seu potencial desde cedo, as dificuldades deixam de persistir em tudo que ela faz, ela precisa de novos desafios para aprender a conviver cada vez mais com autonomia, e não há lugar melhor do que a escola.



A inclusão escolar proporciona as crianças com TEA a ocasiona a convivência com outras crianças da mesma idade, tornando assim um espaço de desenvolvimento social e de aprendizagens, a interação com pares é a base para o desenvolvimento das crianças.

As crianças que não possuem o TEA acabam sendo base modelo na interação, mesmo que a compreensão social seja difícil.

Acredita-se que a convivência compartilhada das crianças com TEA na escola possa possibilitar os contatos sociais e favorecer não só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que estas últimas convivam e aprendam com as diferenças. (SCHMIDT,2013,p135.)

Para a maioria dos pais e responsáveis é difícil no primeiro momento identificar sinais e atitudes nas crianças, que sinalizem ou que possam identificar sinais do TEA, porém uma das questões ainda enfrentada é o preconceito, e também a falta de informação. Desde muito pequenos geralmente já apresentam alguns sinais, que muitas vezes são ignorados, e em alguns casos o que os pais mais observam é a falta de comunicação, que é nessa fase onde muitos começam a notar alguns outros sinais já existentes, mais que eram ignorados anteriormente, como a falta de sono, contato visual, irritabilidade excessiva por exemplo. Os sinais de TEA não se dão somente pela falta de comunicação verbal, mais esse é mais observado pelos pais, já que muitos tem a expectativa de ouvirem as primeiras palavras dos filhos, ao serem chamados de papai, mamãe. Já na escola é possível observar desde muito pequenos a interação social da criança.

A comunicação e interação social é uma grande dificuldade das crianças com TEA, a comunicação pode ser por forma verbal e não verbal, na verbal normalmente a fala é por forma de gírias, ecolalia, reversão de pronomes, entonação monótona, tornando uma evidencia da dificuldade de interagir e compreender as ações do meio em que está inserida. A ecolalia pode ser de duas formas, a imediata que é quando se repete o que foi dito de forma imediata, e a ecolalia tardia é quando se repete algo que foi ouvida dias ou horas atras. Algumas pessoas com TEA não tem uma comunicação verbal, ou possuem uma linguagem infantilizada que não evolui, já outros falam incessantemente sobre algo de seu interesse sem perceber que o outro que lhe ouve não tenha interesse sobre o assunto.

A fala pode ser monótona, volume inadequado, velocidade impropria e uso de frases feitas, muitos usam a comunicação para solicitar algo e não para se expressar, ou comunicar

fatos e acontecimentos, já que para isso é necessário envolver habilidades sociocognitivas, algo deficitário do autista.

Pessoas com autismo tem dificuldades em compreender expressões faciais, identificar emoções em tons de voz e evidenciam preferências por estímulos não verbais, em oposição aos verbais. (MONGILLO,2008,p.1349-1358).

A comunicação não verbal se dá por forma de gestos, expressões faciais, linguagem corporal e fenômenos de entoação verbal. Alguns estudos trazem que 30% dos autistas são funcionalmente mudos, e mesmo depois de anos treinando a fala, apenas 50% desenvolvem a linguagem oral. Atualmente é utilizado outros meios de comunicação, seja por meio de sistema de símbolos, sinais manuais, sistema pictográficos, sistema com acionamento de voz, sistema híbrido, que busca compensar de forma temporário ou não os prejuízos da comunicação expressiva e receptiva.

A escola traz o papel inicial da inclusão, de acordo com a educação nacional, a educação é inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana.

Então proporcionar a inclusão significa uma alteração de postura e olhar acerca da deficiência, quebrar paradigmas, e reformular nosso sistema de ensino para assim conquistar uma educação de qualidade, com acesso, que o atendimento adequado e permanência sejam garantias para todos, indiferente de suas necessidades e diferenças, a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois isso afeta a todos, e o objetivo é que todos tenham sucesso na caminhada educacional.

Assim se faz necessário reformular nosso sistema de ensino, proporcionar preparo aos profissionais da área da educação e a todos os profissionais envolvidos, pois o estatuto assim define:

Art.2º VII - o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis;

VIII - o estímulo à pesquisa científica, com prioridade para estudos epidemiológicos tendentes a dimensionar a magnitude e as características do problema relativo ao transtorno do espectro autista no País.

Parágrafo único. Para cumprimento das diretrizes de que trata este artigo, o poder público poderá firmar contrato de direito público ou convênio com pessoas jurídicas de direito privado.

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;

II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;

III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde

Atualmente a prevalência do TEA em sala de aula é de 1 para cada 36, isso sem contar outros transtornos, por isso, faz se necessário o conhecimento, preparação e a busca por conhecimento, para que esses profissionais esteja, aptos para conduzir, e muitas vezes serem a diferença no dia-a-dia do autista, atualmente ainda acontecem infelizmente situações , onde escolas diante de uma criança com TEA negar vaga, colocando como objeção não estar preparada para atende-lo ou que existem outras instituições mais capacitadas para suprir tal necessidade, mesmo sabendo que esse é um direito estabelecido pelo estatuto do autista que define que:

Art. 7º O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos. § 1º Em caso de reincidência, apurada por processo administrativo, assegurado o contraditório e a ampla defesa, haverá a perda do cargo.

Para muitos autistas a escola é o ambiente de maior dificuldade, seu pior pesadelo, pois é nele onde ocorrem bullying, preconceito dos colegas, professores sem formação adequada, sendo assim a necessidades de políticas públicas que promovam a inclusão, igualdade e acesso a todos ao ensino. Se essas situações acontecem no ambiente escolar, na sociedade em geral esse problema é bem maior. Mesmo o autismo sendo um assunto discutido por muitos na atualidade, ele não é trabalhado no dia a dia das pessoas, seja pela escassez de informação sobre o TEA ou até mesmo por puro preconceito, já que muitas pessoas desconhecem de informações e acabam fazendo julgamentos errados sobre o assunto, por isso precisamos informar, para que assim esse tema seja respeitado, divulgado e que cada vez mais ocorra a inclusão.

Os autistas tem garantido condições essenciais a vida, como questões de saúde, alimentação, pois é o conjunto de ações que torna eficaz o tratamento do TEA, pois o autismo é um transtorno e não uma doença e com o tratamento adequado proporciona uma melhora na qualidade de vida, não somente dos autista, mais de todos a sua volta, principalmente seus pais ou responsáveis que são que mais convivem com o TEA, são eles que desde o início estão acompanhando cada fase do tratamento que é contínuo, acompanham em cada consulta, lutam contra o preconceito que infelizmente ainda existe em nossa sociedade, e muitas das vezes correm atras de informações para proporcionar uma vida confortável aos seus filhos, seja por meio de medicamentos, terapias e outros recursos

Nossa sociedade ainda é muito excludente, o autismo atualmente é um assunto bastante comentado, porem pouco compreendido, seja na área da educação ou saúde, onde a frequência de pessoas com TEA é maior, porem estudos mostram que a incidência de casos de TEA vem

aumentado, devido aos diagnósticos precoces, pesquisas e estudos na área, e a busca de informação por parte dos pais, pois os mesmos procuram respostas sobre esse transtorno, algo que era super novo a 10 anos atrás, ainda hoje acaba sendo um assunto pouco abordado e que não se tem muitos estudos publicados devido sua complexibilidade. De acordo com as pesquisas cada vez mais teremos autistas em nosso dia-a-dia, e esse é um numero que tende a crescer cada vez mais, esse será o reflexo do que já acontece nas escolas, pois como antes não era algo conhecido, a área escolar e da saúde foram os primeiros a ter contato com o TEA, e com o passar dos anos todos precisaram, por isso a importância da inclusão, preparar, incluir, para formar uma sociedade igualitária, que respeite as diferenças sem excluir os “diferentes”, afinal não temos somente o transtorno do espectro autista, cada dia mais, estudos nos trazem novos transtornos, ou melhor, transtornos que não eram conhecidos, ou que eram confundidos com outro.

### **3 ANALISE DE OCORRENCIAS CONCLUSÃO**

O autismo é uma condição complexa que sofreu evolução significativa em termos de diagnóstico, compreensão e apoio ao longo da história. À medida que as iniciativas de pesquisa e conscientização continuam, espera-se que a qualidade de vida das pessoas com TEA seja ainda mais melhorada.

Nas escolas é possível observar que eles acabam tendo um significativo desenvolvimento, mais que é o conjunto de ações que proporciona esse quadro de melhora, ou seja, é a ação conjunta de todos os profissionais e pais ou responsáveis que auxiliam no tratamento e suporte adequado para cada caso.

É possível que com o passar dos anos, e com a inclusão, a nossa sociedade possa evoluir e incluir não somente os autistas, afinal esse não é o único transtorno, e não é somente de transtornos que nossa sociedade precisa de inclusão, temos o racismo como exemplo que até hoje precisa de conscientização.

É preciso ter empatia, mais principalmente respeito, pois um dos grandes problemas do autismo ainda é a desinformação, onde pais, mães, responsáveis, professores, profissionais da saúde infelizmente se veem em situações que não sabem como prosseguir, por isso precisamos

abordar esse assunto, até mesmo para assim, proporcionar um diagnóstico precoce, oferecer tratamento correto e o suporte de acordo com a necessidade de cada um.

Possamos então concluir que a inclusão é o caminho, e se faz necessário para todos respeitar as diferenças, para proporcionar a todos uma sociedade igualitária, justa, trazendo qualidade de vida sem distinções, sem preconceito, proporcionando a inclusão e a igualdade.

## REFERÊNCIAS

Autismo: o que é, sintomas e tipos - Minha Vida. Disponível em:[www.minhavidade.com.br/saude/temas/autismo](http://www.minhavidade.com.br/saude/temas/autismo). Acesso em:20/set/2023

BRASIL. Lei Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. Disponível em:<https://www.planalto.gov.br>. acesso em 14/nov/2023

GARCIA, Gilberto de Lima, Autismo, educação e transdisciplinaridade. 1.ed. Campinas,SP. Papyrus.2013.

KLIN, A. “Autismo e síndrome de asperger: uma visão geral” revista brasileira de psiquiatria, v.28, supl. I, pp. 3-11.2006.

SCHMIDT, Carlo. Autismo, educação e transdisciplinaridade. 1.ed. Campinas,SP. Papyrus.2013.

MONGILLO, E.A. “Audiovisual processing in children with and without autism spectrum disorders.”.Journal of autism and developmental disorders, v.38, n.7, pp1.349-1.358.

RODRIGUES, Renato. Gonçalves, José Correa. Procedimento de metodologia científica. 10.ed. Lages, SC. PAPERVEST. 2021.

SCHMIDT, Carlo. Autismo, educação e transdisciplinaridade. 1.ed. Campinas, SP. Papyrus.2013.